



UNIVERSIDADE PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS – UNIPAC
FACULDADE REGIONAL DE CIÊNCIAS EXATAS E SOCIAIS DE BARBACENA
CURSO DE PSICOLOGIA

GUSTAVO HENRIQUE DE SOUZA ROCHA
PÂMELA POLLYANE BRANDÃO DE MORAES

QUESTÃO DE GÊNERO: UMA ANÁLISE DAS CONCEPÇÕES DE MENINO E
MENINA NA INFÂNCIA

BARBACENA
2015

**GUSTAVO HENRIQUE DE SOUZA ROCHA
PÂMELA POLLYANE BRANDÃO DE MORAES**

**QUESTÃO DE GÊNERO: UMA ANÁLISE DAS CONCEPÇÕES DE MENINO E
MENINA NA INFÂNCIA**

Monografia apresentada ao curso de graduação
Psicologia da Universidade Presidente Antônio
Carlos – UNIPAC, como requisito parcial para
obtenção do título de bacharel em Psicologia.
Orientador: Líliam Medeiros da Silva

**BARBACENA
2015**

**GUSTAVO HENRIQUE DE SOUZA ROCHA
PÂMELA POLLYANE BRANDÃO DE MORAES**

**QUESTÃO DE GÊNERO: UMA ANÁLISE DAS CONCEPÇÕES DE MENINO E
MENINA NA INFÂNCIA**

Monografia apresentada ao curso de graduação
Psicologia da Universidade Presidente Antônio
Carlos – UNIPAC, como requisito parcial para
obtenção do título de bacharel em Psicologia.

Aprovada em 04/12/2015

BANCA EXAMINADORA

Me. Líliam Medeiros da Silva
Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC

Me. Patrícia Dias de Castro
IFMG - Campus Governador Valadares

Me. Maria Margarete Pinto Chaves
Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC

Dedicamos este trabalho a todas as pessoas que compartilharam conosco essa caminhada e que agora nos vêm colhendo os frutos das nossas vitórias. Aos nossos pais, nossos familiares, amigos, todos que nos incentivaram e acompanharam cada momento de tristeza, de alegria, e sacrifício, todos que fazem parte da nossa orgulhosa jornada de vida. Dedicamos também aos grandes mestres que a nós compartilharam seus saberes e aos nossos amigos e colegas de classe que tanto somaram em nossa formação.

Agradecimentos

Considerando esta monografia como resultado de uma caminhada que não começou na UNIPAC - Universidade Presidente Antonio Carlos, agradecer pode não ser tarefa fácil, nem justa. Para não correr o risco da injustiça, agradeço de antemão a todos que de alguma forma passaram pela minha vida e contribuíram para a construção de quem sou hoje.

Porém, não posso deixar de agradecer aos meus pais Caetano e Maria, sem os quais não estaria aqui, e por terem me fornecido condições para me tornar o profissional e homem que sou hoje. Aos meus irmãos Geisiane e Jefferson, que, desde pequeno, me ensinaram diversas coisas. A amiga Daniela de Fátima, por me incentivar e me fazer acreditar que eu seria capaz, e por todo apoio nesses cinco anos.

Gustavo Henrique

Agradecimentos

Que profissão linda terei! O sentido da minha vida será ajudar os outros a encontrarem o sentido da vida deles. De alma para alma.

Agradeço a mim mesma, pela persistência e esforço. Tudo que vier, eu fiz por merecer.

Aos meus familiares, agradeço pela torcida, pelo incentivo, pelo aprendizado, pela convivência.

Aos meus pais Leandra e Edson, pelo constante apoio e carinho, pela vida que me deram, pela criação que me proporcionaram, pelas escolhas que me deixaram fazer, e com elas, o aprendizado de vida adquirido, pois cada erro e acerto, um tijolinho na construção do caminho da vida. Ao meu padrasto, Sérgio, por toda ajuda, por tudo que fez por mim sempre que precisei.

Aos avós queridos que, ausentes deste plano, me deram a honra de poder viver um pouquinho ao seu lado; vovó Dora, minha bisavó linda a quem sempre lembro com ternura e saudade do aconchego; Vovó Fia, pelo gosto inesquecível, de vó, de roça, de infância.

Aqueles que me fizeram sua filha, Vó Delza e Vô Espedito, exemplo de bondade, de família, agradeço pela educação e dedicação, pelos ensinamentos e pelo cuidado.

Agradeço as minhas tias, por todo apoio, e por tudo que já fizeram por mim, e especialmente a tia Lujan, pela dedicação e carinho ao Miguel, por cuidar dele com amor, tantas e tantas noites para que eu pudesse ir a faculdade concluir esse sonho da graduação.

Agradeço ao meu amigo Joaquim, pelo companheirismo, pelo amor ao Miguel, pela convivência doce, pelo respeito e amizade construída.

Agradeço aos meus irmãos, por cumprirem perfeitamente o papel de irmãos, chatos, estranhos, lindos e irmãos.

As amigas, primas, comadres, não existem palavras para demonstrar tamanho amor e reciprocidade. Agradeço a todos os amigos por estarem sempre por perto nos momentos difíceis, pelos puxões de orelha, pelas risadas e pelos ombros na hora do choro.

Agradeço ao meu namorado, meu companheiro, meu amor, Kenji, pela paciência e carinho, pelo incentivo, pelo apoio, por acreditar em mim, no meu potencial e no meu sonho.

Cada um que contribuiu para que eu pudesse viver esse privilégio de me tornar psicóloga. A todos aqueles que amei e amo, num abraço apertado e num beijo emocionado vou ao encontro de vocês, dizer das alegrias e dificuldades que tive, mas que acima de tudo, eu venci.

Aos meus filhos, Miguel e Hiro, os frutos que nós colhemos, dedico como troca pelas horas ausentes, pelo beijo na despedida e o abraço no retorno, porque foram vocês o balsamo de amor para todas as feridas dessa caminhada. Obrigada.

Pâmela Moraes

Agradecimentos

É difícil agradecer todas as pessoas que de algum modo, nos momentos serenos e ou apreensivos, fizeram ou fazem parte de nossas vidas, por isso primeiramente agradecemos a todos que compartilham conosco dessa aventura que é viver.

Agradecemos a Deus por proporcionar estes agradecimentos a todos que tornaram nossas vidas mais afetuosa, além de ter nos dado famílias maravilhosas e amigos sinceros. Deus, que a nós atribuiu alma e missões pelas quais já sabia que nós iríamos batalhar e vencer, agradecer é pouco. Por isso lutar, conquistar, vencer e até mesmo cair e perder, e o principal, viver é o nosso modo de agradecer sempre.

Aos professores que durante o curso nos deram orientações seguras e precisas para a construção de nossos saberes.

Às professoras Margarete e Patrícia, pelo carinho e disponibilidade.

Agradecemos em especial a nossa orientadora, que com sua paciência e dedicação possibilitou que o desenvolvimento de nossa ideia inicial, resultasse nesta monografia.

Agradecemos também a todos os funcionários da UNIPAC – Barbacena, pois são eles que ajudam no desenvolvimento da instituição e dos alunos.

Gustavo e Pâmela

“O sentimento de felicidade originado da satisfação de um impulso selvagem, não domado pelo eu, é incomparavelmente mais intenso do que aquele que resulta da saciação de um impulso domesticado”.

Sigmund Freud

Resumo

A presente monografia aborda o tema do gênero dentro da infância analisando principais aspectos dentro da vida educacional e social do indivíduo. No mundo de hoje em que as transformações sociais estão cada vez mais contínuas e rápidas, a questão de gênero toma uma conotação importante dentro da sociedade que tenta fazer um mundo mais igualitário e menos discriminatório. Objetiva-se levantar a questão de gênero dentro da infância, fase em que a maioria dos conceitos humanos são formados. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica de cunho sociológico, considerando contribuições de autores como: Freud (2006), Ariès (2011), Bísaro (2009), Aida (2004), Sales (2014), Fabrino (2009) entre outros, procurando sempre enfatizar a importância do gênero dentro da infância e como esta terá consequência para a criança. O sujeito é formado pelo conjunto de informações que vai acumulando durante a vida. Mas, sem dúvida, a base de sua formação está na infância e nas relações que serão constituídas a partir do desenvolvimento de sua afetividade e conceitos que irão sendo construídos ou desconstruídos, conforme a necessidade e a evolução da sociedade do qual faz parte.

Palavras-chave: Infância. Gênero. Sexualidade. Família.

Abstract

This monograph addresses the issue of gender in childhood analyzing key aspects within the educational and social life. In today's world where social transformations are becoming more continuous and rapid, the gender issue takes an important connotation in society in the attempt to make a more egalitarian and less discriminatory world. Aiming to raise the issue in childhood, which is when most human concepts are formed. Through this study a literature review of research was carried out considering contributions from authors such as Freud (2006), Ariès (2011), Biscaro (2009), Aidar (2004), Sales (2014), Fabrino (2009) among others, always trying to emphasize the importance of gender in childhood and how this will have consequences for the child. The subject is the group of information that accumulates during life. But surely the basis of their training is in childhood and relationships that will be established from the development of their affectivity and concepts that will be built or deconstructed as needed and the evolution of society which it is part.

Keywords: Childhood. Genre. Sexuality. Family.

Sumário

Introdução	12
1 A história da criança e da família na sociedade.....	15
1.1 Os principais aspectos da infância na sociedade	15
1.2 A infância, a família e seus vínculos	17
1.3 A afetividade e gênero	19
1.4 A escola	20
2 Uma questão de gênero	21
2.1 A sexualidade infantil	22
2.2 A questão do gênero e as famílias	23
2.3 A questão do gênero e a escola	25
Considerações Finais	27
Referências Bibliográficas	28

Introdução

A presente monografia tem como tema a questão do gênero na infância, analisando seus principais aspectos dentro do contexto social e educacional.

As questões referentes ao gênero estão presentes nos mais diferentes espaços e é uma luta enfrentada principalmente pelos profissionais da Psicologia, que discutem desde a teoria até a prática, modos que defendam esses reconhecimentos, com o foco de desenvolver a compreensão sobre as diferenças corporais e sexuais criadas pela sociedade (ANDRADE; SANTOS, 2013).

Comportamentos e papéis sociais, ideais e valores que diferenciam homem e mulher, padrões fixos que separam o feminino do masculino são chamadas de representações de gênero, representações criadas pela sociedade para separar papéis sociais, regendo um comportamento, muitas vezes, aversivo ao que não está dentro dos modelos criados por essa sociedade. Isto significa dizer que a questão de gênero tem uma ligação direta com a forma como estão organizados na sociedade os valores, desejos e comportamentos acerca da sexualidade; estes então, influenciam os seres humanos, desde a gestação até o momento da morte (MIRANDA; ANDRADE; ALMEIDA, 2010).

O presente trabalho possui como objetivo o levantamento do tema, principalmente no período da infância que é a base estrutural da existência humana: são considerações de uma fase de grande importância na construção do sujeito, a forma de lidar com essa questão delicada da sexualidade que está em fase de descoberta na infância, na construção da identidade na criança que, não sendo bem explorada e entendida, poderá desencadear, além de sofrimentos como discriminação e transtornos mentais, que ao longo da vida do sujeito poderiam ter sido evitados e tratados nesse momento crucial da vida do ser humano (NUTTIN, 1967). Esse estudo vem discutir as influências externas que perpassam a historicidade humana afetando a construção do sujeito, sua constituição psíquica e construção da sua identidade.

O vivenciar do verdadeiro sentimento de infância é o ápice estrutural do sujeito na constituição da sua vida psíquica e, cada vez mais, vem sofrendo influências por forças externas (sociedade, economia, religião) que, se não absorvidas de maneira sucinta, podem se transformar, às vezes, em dor e sofrimento na vida adulta, por não serem devidamente elaboradas no momento em que deveriam (AIDAR, 2003).

O próprio ambiente familiar vem sofrendo grandes transformações que modificou o

sentimento de infância no contexto social, apreciando a criança um ser com necessidade de adaptar-se ao sistema capitalista, estando atuante e evidente no ambiente social e familiar, mas com o propósito de uma formação idealizada pelo sistema, desconsiderando as condições cronológicas e biológicas da infância (AIDAR, 2003).

Sendo a infância a fase que se inicia a construção da identidade – em que essa questão de gênero começa a ser definida e imposta, onde geralmente se diz que meninos jogam bola, e meninas brincam de bonecas. Todas as regras de “coisa de menino” e “coisa de menina”, as problematizações analisadas neste trabalho apontam para uma reflexão sobre os excessos externalizantes da contemporaneidade através dos avanços tecnológicos e do sistema capitalista, promovendo um controle intenso sobre a criança, influente desde a infância o que, vem provocando o desaparecimento da sua identidade no que tem de mais singular.

Para Bonfim (2009) o gênero pode ser entendido como a percepção social das diferenças biológicas entre os sexos, enquanto o sexo é o “ser” biológico masculino ou feminino; e identidade de gênero será a forma que o indivíduo se identifica independentemente do sexo biológico. Entendendo-se também que a identidade de gênero vai sendo culturalmente construída.

Segundo Andrade e Santos (2013), autoras do livro “Gênero na Psicologia: Articulações e Discussões” “essas construções enquadram meninos e meninas a certos comportamentos que são vistos pela sociedade como naturais (quando pode ser observado que isso é meramente uma construção social) e que serão internalizados por todos/as como a ‘verdade’” (p. 20). A sociedade por ter sido formada sobre uma base patriarcal, em que sempre imperou um discurso dominante, que colocou a mulher em “uma posição desprivilegiada e subalternizada em comparação aos homens desde a infância, cuja frase ‘isso é coisa de menininha’ aparentemente inocente, começa a definir espaços de gênero na relação infantil” (MIRANDA; ANDRADE; ALMEIDA, 2010, p. 1).

As questões de gênero deverão ser estudadas como uma categoria social que influencia ativamente o dia-a-dia das pessoas, e na construção de suas identidades, compreendendo a necessidade da imposição em se estabelecer essa diferença, e principalmente, estudar a maneira sensata para lidar com essas concepções na infância, quando o menino quer brincar de boneca, e a menina jogar bola, como a sociedade deve lidar com essas situações, limitando a imposição de definição menino/menina, e, sobretudo, evitando a rotulação, e preservando os direitos que deveriam ser iguais a todos os gêneros.

Discutir estereótipos de masculinidade e feminilidade é prática da Psicologia em diferentes espaços, utilizando o gênero como perspectiva, e suas implicações diretas na

constituição de sujeito, com base em discursos sociais institucionalizados (nas escolas, nas empresas, nas organizações, na Igreja, etc) (MIRANDA; ANDRADE; ALMEIDA, 2010). E como foco compreender como as crianças lidam com as suas relações de gênero em seu cotidiano, tanto no âmbito familiar, como no meio escolar, relacionando objetivos para ajudar na problematização da temática, analisando os elementos culturais e sociais que se enfatizam no jeito de ser menina e de ser menino, identificando como as crianças definem e demarcam a sua condição de gênero nos diferentes tempos e espaços da infância e também observando como as trocas culturais são estabelecidas entre as crianças (MIRANDA; ANDRADE; ALMEIDA, 2010).

A Psicologia irá assumir o compromisso social de promover discursos que sejam alternativos para se questionar a opressão que leva às diferenças entre meninos e meninas, identificando e desconstruindo as estruturas e práticas sociais, pessoais e profissionais que sustentaram até hoje o sexismo e contribuíram para que houvesse a discriminação de gêneros (BÍSCARO, 2009).

1 A história da criança e da família na sociedade

A infância é uma fase do desenvolvimento humano crucial para a evolução do sujeito. Porém, há décadas, não era uma fase reconhecida pela sociedade. Atualmente, apesar das mudanças ocorridas, bem como no reconhecimento e da valorização desta etapa da vida humana, algumas crianças continuam vivenciando inúmeras condições diferentes e nem sempre justas no ambiente social (ARIÈS, 2011).

Em seu estudo, Ariès (2011) privilegiou o aparecimento sentimental da infância na sociedade francesa, buscando informações através das mais variadas obras de arte e utilizando-se de historiadores da Idade Média, uma vez que não existiam dados na época, ou seja, o autor buscava a compreensão da criança na sociedade conforme dispunham na época pinturas, obras de artes, etc.

A história da infância atravessa os séculos sofrendo várias transformações. Graças aos estudos sobre essa fase, e a evolução do pensamento humano, a concepção de criança está evoluindo positivamente, em prol do significado que esta fase trás consigo (ARIÈS, 2011).

Segundo Ariès (2011), até por volta do século XII, a criança não tinha reconhecimento pela arte medieval ou não era representada pela mesma. Não só na arte, mas na sociedade como um todo, o sentimento da infância não era explícito nas relações humanas, tendo somente os adultos como significantes representativos na sociedade.

Ainda no século XII as crianças eram vistas como adultos em crescimento, e eram inseridas na sociedade da época com obrigações e deveres que não correspondiam a sua fase do desenvolvimento humano, sendo atribuída às mesmas funções que deveriam ser de adultos, distintas apenas pela diferença física, “no mundo das fórmulas românticas, e até o fim do século XIII, não existem crianças caracterizadas por uma expressão particular e sim homens de tamanho reduzido” (ARIÈS, 2011, p.18). Neste sentido, as crianças eram consideradas adultas em versão reduzida, sem nenhuma distinção qualitativa.

1.1 Os principais aspectos da infância na sociedade

Ao longo dos anos a infância foi recebendo o reconhecimento na sociedade, as características físicas que diferenciavam crianças e adultos foram se tornando relevantes, os traços suaves e semelhantes aos anjos que decoravam as igrejas católicas deram mais ênfase para a criança assumir sua nova imagem no contexto social (ARIÈS, 2011).

Ariès (2011) conceitua a criança como um modelo do ancestral da história da arte: o

Menino Jesus ou a Nossa Senhora menina, dando ênfase à afetividade familiar vinculado aos mistérios da maternidade, representado pela Virgem e ao culto de Maria: um sentimento mais realista da infância expressado pela inocência e ingenuidade da criança. Para chegar nesta conclusão foi observado em uma das obras do século XII por Ariès: “Jesus em pé veste uma camisa leve, quase transparente, tem os dois braços em torno do pescoço de sua mãe e se aninha em seu colo com o rosto colado ao dela” (ARIÈS, 2011, p.19). Uma representação da criança acolhida pelos vínculos afetivos familiares, um ser puro, frágil e dependente dos cuidados de um adulto se envolvendo no aconchego familiar (ARIÈS, 2011).

Devido a representação religiosa e a mudança das concepções do pensamento do que seria ser criança, essa fase da vida foi ganhando outra perspectiva, espaço e reconhecimento na sociedade, como a passagem para a vida adulta, a visão sobre a infância tomou a perspectiva que lhe era de direito, encontrando o alimento para a manutenção da vida, recebendo cuidados necessários para seu desenvolvimento e mimos satisfatórios, estando sempre sob o olhar dos adultos. (ARIÈS, 2011).

Começa-se notar então, a influência das culturas na criação da infância, e como os adultos elaboram essa fase conforme suas ideologias. Porém a criança passa a ter o seu próprio espaço no mundo em que só as pessoas maduras existiam, um sujeito em atividade na vida social, ocupando espaço na vida, participando da vida social, estando presente no cotidiano, não estando mais somente no ventre familiar e nas diferenciações de gêneros (ARIÈS, 2011).

Ariès (2011) também destacava a criança nas escolas, fato observado no século XIV, que vem acompanhando a infância na modernidade, sendo considerada uma forma de inseri-la no sistema social e na preparação para se tornarem adultos, melhor esclarecido pelo autor.

Para Ariès (2011), ao longo dos tempos, foram ocorrendo a separação entre o mundo infantil e o mundo dos adultos. Esta transição possibilitou uma segunda ideia da criança no meio social, persistindo ao passar dos tempos, apresentando como sentimento da infância um ser de imagem pitoresca “a criança engraçadinha”, diferenciando-a do mundo dos adultos, aspectos que podem ser vistos na atualidade.

A criança por ser um sujeito dependente que necessita de tempo, cuidados e investimentos financeiros altos para sua criação, de acordo com o sistema social capitalista, vem sendo um dos grandes motivos de alguns pais optarem por poucos filhos (AIDAR, 2003). Se a formação da criança não responde ao sistema, garantindo, no futuro, um ideal de sujeito, ela será excluída por não ter correspondido a demanda do mesmo. Esta idealização exigida pela atualidade capitalista vem transformando a criança num sujeito de consumo

(AIDAR, 2003). O sentimento da infância é desconsiderado e sem importância como base estrutural do futuro adulto, importando apenas com sua formação idealizada pelas influências externas, por uma necessidade social e cultural participativa na forma de se comunicar no decorrer das gerações (ARIÈS, 2011).

A criança de hoje se veste como adulto, possui uma agenda imensa de compromissos, com responsabilidades grandes demais para sua idade, são diversas as atividades que fazem desaparecer a infância em função dos padrões de um sistema capitalista, que vão afastando os vínculos afetivos da humanização para uma era tecnológica, humanos individualizados que respondem as máquinas e se comunicam através das mesmas, alimentando o sistema social capitalista que atravessa o sujeito no que tem de mais subjetivo (AIDAR, 2003).

As crianças vão perdendo as fantasias infantis, que fazem parte da vivência de uma realidade contaminada por ofertas alienantes do capitalismo, de imposições ideológicas e de gêneros instituídas no meio social para sustentar este sistema, podendo interferir na base estrutural da construção do sujeito, provocando o adoecimento psíquico de muitos adultos por não viverem as fantasias da infância, e por serem privadas de seus desejos individuais, sendo obrigadas a vivenciar como um sujeito produtivo e consumista para que possa estar inserido na sociedade institucionalizada (AIDAR, 2003).

Por mais que o reconhecimento da infância tomou consistência no mundo dos adultos, nota-se apenas um compromisso de responsabilidade dos adultos para com a criança, desde que estejam inseridas no contexto social de acordo com a demanda capitalista (AIDAR, 2003).

A criança se destaca no meio social por ser um sujeito em atuação, inserida no mundo dos adultos como servidor do sistema capitalista, suas fantasias infantis não têm lugar e se misturam com o imaginário adulto, atropelando a fase do sentimento infantil, constituindo-se em um sujeito alienado pelo desejo do outro, um outro sádico que mantém o indivíduo escravo desse desejo (AIDAR, 2003).

1.2 A infância, a família e seus vínculos

Durante a Idade Média pode se dizer que as famílias deixavam as crianças em casa até os sete/oito anos, para então ingressá-las em algum tipo de trabalho pesado, fosse no campo ou cuidando da casa de outras pessoas. Contudo será na própria Idade Média que se passará a compreender o matrimônio como um contrato a ser estabelecido pelo casal, o qual dará voz também a mulher (ARIÈS, 2011)

Com o advento da Revolução Francesa e, posteriormente da Revolução Industrial houve uma mudança dentro do contexto familiar. Os casamentos deixaram de ter uma conotação tão religiosa e o aumento da migração para os centros urbanos fizeram com que os laços existentes entre as famílias se tornassem cada vez menores. O modelo de família centrado na figura paterna entrou em crise no século XX, no qual a mulher foi inserida no mercado de trabalho. Houve também uma influência cada vez maior das escolas sobre os filhos, e os idosos que começaram a receber cuidados a partir de instituições especializadas. As famílias foram sofrendo modificações a partir das transformações religiosas, econômicas e sociais ocorridas no mundo (FABRINO, 2012).

Sendo assim, ocorreu que: “a família tomou novas formas com o desenvolvimento da sociedade e com isso, o afeto passou a ter nova visibilidade, seja para identificar os novos vínculos familiares ou ainda, para definir os elos de parentesco”. (FABRINO, 2012, p.19).

Fabrino (2012) aponta que é o afeto o elemento agregador do atual conceito de família, e será através dos vínculos familiares que a criança irá desenvolver suas potencialidades em que seus valores éticos e morais serão formados, ajudando na construção de seu caráter:

O modelo familiar atual tomou outras formas além da formação pai-mãe-filhos. Atualmente, encontram-se famílias formadas por pais solteiros, pais separados com outro cônjuge e seus respectivos filhos, pais homossexuais, famílias formadas por avós e netos. Há uma infinidade de formações familiares que geram mudanças na educação transmitida às crianças fazendo com que muitos indivíduos cresçam e tornem-se adultos com dificuldades de enfrentar as situações cotidianas de forma segura e confiante (FABRINO, 2012, p. 20).

Pode ser dito que, nos dias de hoje, devido a correria do dia-a-dia, a pressão exercida pelo mercado de trabalho em ter pessoas mais produtivas e comprometidas com o serviço, vem fazendo com que haja uma carência de afeto dentro das famílias. Existindo uma falta de tempo para a dedicação aos familiares e conseqüentemente às relações afetivas (ITABORAÍ, 2005).

Por isso, se observa que “independente das configurações familiares, o meio em que a criança está sendo gerada poderá causar grande influência em seu desenvolvimento devido a forma com que a sociedade vive” (FABRINO, 2012, p.20).

É no contexto da vida familiar que as crianças têm seu primeiro contato com as relações de identidade de gênero. Costa (2008, p.02) afirma que “a identidade de gênero, que construímos e reconstruímos ao longo da vida, nos acompanha como um script de como devemos ser e do que esperamos do(s) demais”.

1.3 A afetividade e gênero

É importante observar que serão os vínculos afetivos desenvolvidos durante a infância que terão grande influência no desenvolvimento intelectual do sujeito. O afeto irá apresentar sentimentos subjetivos (amor, raiva, depressão) até os aspectos expressivos (sorrisos, gritos, lágrimas) (FABRINO, 2012).

Portanto, a criança irá receber informações que serão assimiladas num primeiro momento como sendo padrões que serão utilizados no decorrer de sua evolução. Observando que é a partir destas informações que as crianças constroem seus conceitos Para Berger & Luckman *apud* Sales (2014, p.163):

Os pais transmitem para a criança que acaba de nascer o contexto sócio-histórico e cultural da sociedade na qual estão inseridos. A dinâmica desse processo está fundada em um alto grau de afetividade e emoção, possibilitando o processo de aprendizagem. A partir dessa ligação emocional, a criança se identifica com os outros significativos, absorvendo os papéis e as atitudes deles, tornando-os seus. Então, a criança torna-se capaz de identificar a si mesma, de adquirir uma identidade subjetivamente coerente e plausível [...] As impressões dos pais sobre a criança são transmitidas a ela, refletindo a percepção que eles (pais) próprios têm de si. A partir disso, a criança passa a ter uma autoimagem que corresponde à imagem que os pais apresentam sobre ela (BERGER & LUCKMAN, 2002, p. 163)

Segundo Fabrino (2012, p.17), no que diz respeito a afetividade e relações familiares serão: "as famílias com clareza das relações de afeto, seguras a desenvolver cognitivamente, emocionalmente, fisicamente as crianças serão mais capazes de direcionar a criança a se tornar um adulto mais seguro e adequado a vivenciar as situações cotidianas".

A família que tiver uma base afetiva sólida conseguirá mais facilmente ajudar no desenvolvimento amplo e pleno das crianças. Não descartando, contudo, a influência dos aspectos econômicos, sociais e culturais que também irão influenciar no processo educacional, levando em consideração que todos eles são fatores importantes para a vida em sociedade (FABRINO, 2012).

Geralmente, as questões sobre a afetividade e o desenvolvimento das capacidades, cognitivas e emocionais da criança têm poucos estudos sobre a construção da identidade de gênero dentro da infância, a maioria dos professores até mesmo de forma inconsciente acaba ensinando modos de ser e de se comportar de maneira diferenciada para meninos e meninas (BÍSCARO, 2009).

1.4 A escola

A escola é o espaço em que a criança irá num segundo momento tomar consciência de novos valores e conceitos. É um importante espaço de integração de múltiplas personalidades com conceitos algumas vezes iguais, e muitas vezes conflitantes com o que foi aprendido (FABRINO, 2012).

A escola no Brasil evidenciou a necessidade de se dar mais atenção a educação infantil, segundo BísCARO (2009, p.19):

No Brasil ocorreu algo semelhante ao que havia acontecido na Europa no início da Idade Moderna, no século XVI, quando da formação embrionária do sistema capitalista: a necessidade da formulação de uma nova concepção de homem, sociedade e, por extensão, de infância e educação que atenderam também às novas exigências impostas pelo modo de produção capitalista (BÍSCARO, 2009, p. 19)

Foi estabelecido um sistema de ensino mais centrado na criança, fazendo com o mesmo se voltasse mais para as características e necessidades da infância. (BÍSCARO, 2009). A contribuição destes pesquisadores ajudou a formar novos conceitos e fazer com que se buscasse valorizar a criança enquanto criança, pois a mesma ainda se encontra em um processo de evolução, enquanto que os adultos já estão em outro (BÍSCARO, 2009).

Para entender como se dá o processo de formação do pensamento infantil e como processos educacionais podem ser desenvolvidos de forma que o pensamento seja contemplado e plenamente desenvolvido, deve-se segundo Vygotsky (2002):

Compreender o desenvolvimento dos conhecimentos científicos no espírito da criança. Não menos importante do que este aspecto prático do problema é o seu significado teórico para a ciência psicológica. No entanto, o conhecimento que possuímos do conjunto do assunto é surpreendentemente escasso e vago segundo (VYGOSTSKY, 2002, p. 83-84).

Nota-se, portanto, que Vygotsky (2002) ressalta a necessidade de métodos que sejam eficazes para as crianças nas escolas, pois elas se encontram cada uma em um estágio de maturação. E, é a partir deste estágio que será capaz de assimilar os conceitos e desenvolver a aprendizagem. O pensamento irá sendo desenvolvido de forma gradual.

2 Uma questão de gênero

A infância a partir do estudo de Áries (2011) está voltada para a construção histórica do conceito moderno de infância, que foram levantados a partir da iconografia dos séculos X e XIX. O autor não fez sua análise nas relações de gênero, nem tampouco do ser menino e o ser menina nos espaços escolares (MASCARENHAS; EUGÊNIO, 2012).

Os estudos sobre gênero ganharam atenção a partir dos anos 60, tendo uma representação forte nos Estados Unidos e parte da Europa. Ganhando destaque a pesquisadora Betty Friedan que foi uma das primeiras lideranças feministas que defendeu as relações de igualdade de poder entre homens e mulheres. Ganhando peso as teorias da antropóloga Margareth Mead, que defendia o peso da cultura na determinação dos papéis e das condutas e comportamentos entre homens e mulheres (LIMA, 2007).

Foi Stoler (1969 *apud* AIDAR, 2004) que introduziu a noção de gênero na Psicanálise, com a finalidade de separar de vez a identidade sexual da anatomia. Importante para o desenvolvimento das futuras considerações e desenvolvimento sobre as questões de gênero.

Entre os vários conceitos desenvolvidos sobre o que seja a questão de gênero, D'Amorin (1997), considera que: “a construção da identidade de gênero é visto como o conjunto das crenças, atitudes e estereótipos do indivíduo” (p.122).

Ressaltando a evolução do gênero dentro da história humana, segundo Siqueira (2008, p.251)

Pode-se afirmar que a preocupação com as diferenças sexuais não é recente. Insere-se, contudo, nesta trajetória de um campo do saber que, a grosso modo, desconheceu a História. As diferenças entre os sexos foram buscadas de maneira descontextualizada e acrítica, seja através de uma visão subjetivista/individualista, seja através de estudos classificatórios/generalistas de cunho funcionalista, como os que caracterizaram a chamada Psicologia Diferencial, fortemente marcada pela herança biológica.

Portanto, a questão gênero sempre esteve presente dentro da história do homem. Algumas vezes mais acentuada que outras. Conforme a humanidade foi evoluindo e a sua cultura, deixando de ser uma sociedade patriarcal, a questão do gênero começou a ser mais debatida. Principalmente, a partir dos anos 60, em que as mulheres começaram a exercer funções que até então eram exercidas somente por homens (SIQUEIRA, 2008).

Siqueira (2008, p. 255), considera ainda sobre a questão de gênero que a mesma sempre foi vista sobre o ponto de vista masculino:

Pode-se dizer, contudo, que em todas as áreas da Psicologia, o pensamento hegemônico desconsiderou a alteridade no sentido do gênero. Por desconhecimento, superficialismo ou preconceito, a humanidade e os seres humanos, as funções psíquicas e suas etapas evolutivas foram estudadas como se as diferenças de gênero não existissem, ou melhor, como se existisse apenas um gênero, o masculino. Desta forma, o modo-de-ser no mundo fundado no masculino é estendido à toda humanidade.

O interesse da pesquisa não é sobrepor um gênero ao outro, existem diferenças físicas, emocionais e intelectuais, as quais dentro de um próprio gênero também são existentes. A questão de gênero aqui discutida tenta elucidar como este fato irá refletir posteriormente na vida de um adulto (SIQUEIRA, 2008).

2.1 A sexualidade infantil e seus efeitos

Foi a partir de 1908 que se começou a analisar as crianças e as concepções sobre a sexualidade infantil. A primeira descoberta de Freud *apud* Nuttin (1967) neste domínio vem confirmar a existência de numerosas analogias entre “as diferentes manifestações da vida sexual infantil e os comportamentos adultos, considerados como desvios, perversões sexuais” (NUTTIN, 1967, p.47). “[...] A criança normalmente passaria por diversas fases, nas quais zonas diferentes do corpo constituiriam os centros de estimulação do prazer” (p.48).

Na maioria das vezes essas fases são desenvolvidas de forma livre, e nem são sentidas atingindo a forma adulta e normal do instinto sexual. Quando em algum momento da infância alguma destas fases fica presa a objetos de libido de uma fase anterior irão nascer as fixações, podendo ser experiências infantis de frustrações ou de satisfações intensas, fazendo com que a criança não consiga mais abandonar o tipo de atividade infantil que lhe ocasionou esta satisfação. A frustração e a punição exageradas para certas atividades infantis condenariam igualmente a criança a persistir no seu agarramento àquela atividade interdita (NUTTIN, 1967).

Para Zornig (2008) “se a sexualidade se inicia com a anatomia (no nascimento), sua conquista depende de um longo percurso durante a construção da subjetividade da criança”. (ZORNIG, 2008). Portanto, será das relações estabelecidas com o corpo e com a afetividade na infância que o adulto se tornará um sujeito psiquicamente equilibrado, tendo condições de superar os eventuais problemas advindos da vida do ser humano. Segundo Zornig (2008, p.77).

Neste sentido, ao enfatizar o fator infantil no adulto, indicando como o adulto é moldado de ponta a ponta pelos conflitos, traumas e desejos da criança, Freud

ressalta o valor do infantil que é recalcado no adulto e que uma criança coloca em cena, com sua sexualidade. O infantil em Freud se refere a dois planos: o plano da constituição do sujeito através da construção das teorias sexuais infantis e da realidade psíquica da criança; e o infantil, que se mantém como um núcleo inconsciente presente na criança e no adulto, relacionado não a um tempo cronológico, mas a um tempo de retroação subjetiva (ZORNIG, 2008, p.77).

Freud (2006) *apud* Silveira (2010, p.79), muitos transtornos de um adulto têm a sua origem na infância, daí a importância do seu bom desenvolvimento:

[...] o fator sexual está na origem das neuroses e, para sua compreensão, as influências e vivências sexuais da infância não podem ser negligenciadas. Desde a descoberta do significado da infância para a sexualidade, Freud nunca deixou de discutir o fator infantil na sexualidade.
[...]

Nota-se mais uma vez que é do pleno desenvolvimento durante a infância, com atenção, afetividade, carinho que a criança terá condições de se tornar um adulto pleno, pois, muitos dos traumas e insatisfações da vida adulta advêm da infância (SILVEIRA, 2010).

Comumente na infância serão desenvolvidos conceitos onde pode ser verificado que os estereótipos de gênero irão incluir características físicas e psicológicas, comportamentais e ocupacionais. Que irão sofrer uma influência da informação recebida, porém serão independentes entre si. O que pode ser notado é que será da mudança de atitudes quanto aos papéis atribuídos ao sexo que poderá ser possível romper com as barreiras sexistas criadas pela sociedade (D'AMORIN, 1997).

2.2 A questão do gênero e as famílias

Com o processo de globalização, a evolução dos meios tecnológicos e industriais houve um aumento da mão-de-obra feminina dentro do mercado de trabalho, o que conseqüentemente ocasionou na mudança do status do chefe de família ser sempre o homem, pois, hoje em muitas casas a mulher tem assumido este papel (PITANGUY, 2003).

Segundo Pitanguy (2003, p.13), dentro do desenvolvimento social da humanidade a diferenciação de gêneros foi constituídas pelas relações de poder:

O conceito de gênero é uma construção sociológica relativamente recente, respondendo à necessidade de diferenciar o sexo biológico de sua tradução social em papéis sociais e expectativas de comportamentos femininos e masculinos, tradução esta demarcada pelas relações de poder entre homens e mulheres vigentes na sociedade. Cabe, no entanto, ressaltar que as informações com as quais se elaboram as estatísticas nacionais apresentam dados discriminados por sexo, e não por gênero, apesar de que, frequentemente estão, de fato, espelhando relações de gênero, razão

pela qual a análise de séries históricas de dados estatísticos permite uma leitura sobre mudanças nos padrões sociais e no relacionamento entre mulheres e homens na sociedade brasileira.

Pela constituição da sociedade da forma que esta foi evoluindo durante os tempos, o homem sempre obteve um papel e centralizador. Com o processo de evolução gradual que a sociedade foi passando alguns destes papéis antes exercidos somente por homens, passaram a ser exercidos também por mulheres. O que levantou o questionamento do gênero dentro das famílias. A partir do momento em que houve certa equiparação de funções entre homens e mulheres, e estas começaram a ser refletidas também dentro dos núcleos familiares, muitas estruturas e conceitos começaram a ser questionados (PITANGUY, 2003).

A família enquanto primeiro núcleo que a criança tem contato será a base sobre a qual serão constituídos a maioria dos conceitos. Quando em uma estrutura familiar se tem a mulher como chefe da casa, e em outra família se vê o pai como o chefe à criança se indaga por que a sua família é diferente do que é dito convencional (SILVEIRA, 2009).

Segundo Pitanguy (2003), no que diz respeito ao papel das mulheres dentro da sociedade deve ser considerado que o mesmo foi modificado, principalmente pelas relações de trabalho, as mulheres passaram a participar de forma mais ativa dentro dos seus vários campos de atuação:

A participação significativa das mulheres nos diversos níveis de educação formal, os avanços constitucionais assegurando maior igualdade entre homens e mulheres no campo da família, do trabalho e dos direitos sociais, assim como transformações culturais levando a uma demarcação menos diferenciada entre o masculino e o feminino têm contribuído para a redução das diferenças entre gêneros, no sentido de estabelecer, em alguns campos, expectativas de comportamento e oportunidades mais similares para homens e mulheres (PITANGUY, 2003, p.15).

Portanto, apesar de estar havendo um processo de modificação na estrutura da sociedade, pois a mesma é dinâmica, os padrões culturais que são muito fortes, ainda não foram modificados o que pode ocasionar muitas vezes conflitos entre as pessoas envolvidas (PITANGUY, 2003).

Para Costa (2008, p.03) será na família que:

Sem negar a existência de um corpo biológico, cada um de nós recebe em sua família de origem uma série de ensinamentos a respeito do que é “ser homem” e “ser mulher”. E que, para o bem, e para o mal, estes nos acompanham ao longo da vida. E além do que aprendemos em nossa família de origem, temos um aprendizado que vem da vasta teia de relações que compõem nossa rede social significativa.

Reforçando que é da família que o sujeito traz a maioria de seus aprendizados, que

serão aprimorados com o tempo e com as suas relações sociais. A identidade de gênero será construída e desconstruída ao longo da vida de cada um. Sendo que também muitas vezes será necessário que a pessoa consiga romper com os conceitos aprendidos sobre a questão de gênero, construindo por si só um conceito próprio (COSTA, 2008).

2.3 A questão do gênero e a escola

A questão de gênero começa a ser abordada nas escolas por força das políticas que o Estado propõe para que os ambientes escolares sejam lugares neutros e se preocupem com a transmissão do conhecimento a seus alunos, fornecendo aos mesmos, bases para a sua reflexão e construção de seus pensamentos (FREIRE, 2002).

Segundo a Secretaria de Educação Continuada e Diversidade do Ministério da Educação -SECAD/MEC (2007):

A escola é um dos ambientes de sociabilidade e formação individual em que são produzidos e reproduzidos os preconceitos e a discriminação. Há evidências de que os agentes da educação reproduzem, em suas práticas, as diversas formas de preconceito e discriminação existentes na sociedade, o que acaba por reforçar e legitimar a exclusão de grupos cujos padrões (étnico-raciais, de identidade de gênero ou de orientação sexual) não correspondam aos dominantes (p.15).

O governo através de políticas públicas para a educação tenta fazer com que as questões de gênero sejam corretamente transmitidas à população, tentando assim diminuir a questão do preconceito e discriminação muitas vezes verificada dentro das escolas (SECAD/MEC, 2007).

Finco (2003) em sua pesquisa dentro de educação infantil, sobre gênero e educação, constatou que os espaços escolares são muito importantes para a formação de crianças e jovens. Para Finco (2003, p.93): “Muitas pesquisas apontam que a escola possui mecanismos sutis que constroem e mantêm as diferenças entre os sexos”.

Bíscaro (2009) em sua pesquisa também observou que os professores matam uma atitude sexista nas suas turmas de educação infantil. Diariamente as crianças são orientadas a formarem filas de meninos e meninas, dentro dos refeitórios meninos se assentam de um lado enquanto as meninas se assentam de outro. A alegação dos professores é que se deixarem se misturar irá “virar bagunça”.

Em relação a esta atitude tomada dentro das escolas, Louro (2002) considera que:

É no dia-a-dia comum, nas ações rotineiras e aparentemente banais, que a escola produz e reproduz os sujeitos nas suas diversidades e desigualdades. São também nesses espaços cotidianos que os sujeitos constroem suas respostas, suas resistências e adesões, fazendo-se a si mesmos (p. 128).

Portanto é muito difícil para as crianças quebrarem ou modificarem seus conceitos aprendidos, pois, dentro das escolas, mesmo que de maneira inconsciente a maioria dos professores continua a reproduzir ações que promovem as diferenças e desigualdades praticadas pela sociedade como um todo (LOURO, 2002).

Considerações Finais

As questões de gênero estão sendo muito debatidas na atualidade. Pela evolução ocorrida dentro da sociedade com os modos de produção e os novos papéis assumidos por homens e mulheres dentro das indústrias, comércio e até mesmo dentro das próprias casas, fez-se necessário o questionamento das relações de gênero dentro da sociedade.

Observa-se que a maioria dos conceitos aprendidos são desenvolvidos durante a infância terão repercussões para a vida do sujeito durante a fase adulta.

Os conceitos são feitos para serem construídos e desconstruídos ao longo do tempo e a melhor forma de lidar com a questão de gênero na infância é tentando não repetir fórmulas de que meninos devem ser desse ou daquele jeito, enquanto as meninas devem ser desse ou daquele outro jeito.

Infelizmente, muitas vezes é da repetição desse padrão imposto pela sociedade que a maioria das famílias e escolas acaba perpetuando o preconceito e formas discriminatórias para ambos os gêneros. Deve haver uma mudança de atitude no padrão praticado pela sociedade, que ao longo do tempo conseguirá reverter esta situação.

Referências Bibliográficas

AIDAR, Maria Aparecida Kfourri. **Considerações sobre as relações entre sexo, gênero e sexualidade**. IN: FUKS, Lúcia Barbero & FERRAZ, Flávio Carvalho (Orgs.) Desafios para a psicanálise contemporânea. São Paulo: Escuta, 2003.

ANDRADE, Darlane Silva Viera; SANTOS, Helena Miranda dos. **Gênero na Psicologia: articulações e discussões**. CRP-03, Salvador: 2013.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

BÍSCARO, Claudia Regina Renda. A construção das identidades de gênero na educação infantil. Dissertação (Mestrado) **Universidade Católica Dom Bosco**. Campo Grande, 2009.

BONFIM, Cláudia. **Educação Sexualidade**. Gênero, Identidade de Gênero e Orientação Sexual. 2009. Disponível em:<
<http://educacaoesexualidadeprofclaudiabonfim.blogspot.com.br/2009/07/genero-identidade-de-genero-e.html>>. Acesso 25 de nov. de 2015.

COSTA, Juarez Soares. O trabalho com famílias e as questões de gênero. Instituto de Terapia de Família e Comunidade de Campinas. Campinas, SP:2008.

D'AMORIN, Maria Alice. Estereótipos de Gênero e a atitude acerca da sexualidade em estudo sobre jovens brasileiros. Universidade Gama Filho. **Temas em Psicologia**. n.3. 1997.

FABRINO, Verônica Noël. Afetividade e base familiar: norteadores da formação da personalidade. **UNISAM /Faculdade Norte Capixaba de São Mateus**, São Mateus: 2012.

FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de menino e menina na educação infantil. **Pro-Posições**. v. 14, n. 3 (42) - set./dez. 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ITABORAÍ, Nathalie Reis. **A proteção social da família brasileira contemporânea: reflexões sobre a dimensão simbólica das políticas públicas**. (Doutorado) Instituto Universitário de Pesquisas do Estado do Rio de Janeiro. 2005.

LIMA, Luis Fernando Alves. A construção da identidade de gênero na educação infantil. princípios de igualdade reconhecidos nas diferenças. **Revista Fórum Identidades**. ITABAIANA: GEPIADDE, Ano 1, v. 2, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **A escola e a pluralidade dos tempos e espaços**. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). Escola Básica na virada do século: Cultura, política e currículo. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 119-129.

MASCARENHAS, Eliane Rezende; EUGÊNIO, Benedito Gonçalves. Os estereótipos de gênero legitimados na educação infantil. **Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB**, Vitória da Conquista – BA, 2012.

MIRANDA, Helena; ANDRADE, Darlane; ALMEIDA, Alessandra. Gênero e Psicologia: um debate em construção no CRP-03. **Fazendo Gênero 9. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos** 23 a 26 de agosto de 2010. Disponível em: < http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/index.php?option=com_content&task=view&id=350&Itemid=96>. Acesso: 20 de set. 2015.

NUTTIN, Joseph. **Psicanálise e Personalidade**. Rio de Janeiro: AGIR, 1967.

PITANGUY, Jacqueline. **A questão de gênero no Brasil**. Banco Mundial. Imprinta. Rio de Janeiro: 2003.

SALES, Marta S. O processo de constituição da identidade na adolescência: trabalho, classe e gênero. **Psicologia & Sociedade**; 26(n. spe.), 161-171. 2014.

SECAD/MEC. Secretaria de Educação Continuada e Diversidade do Ministério da Educação **Gênero e Diversidade Cultural na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos**. 2007. Disponível em: < http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_cad4_gen_div_prec.pdf>. Acesso: 20 de set. 2015.

SILVEIRA, Jennifer Martins. Manifestações da criança dentro da sexualidade na educação infantil: estranhamentos e desafios (Mestrado). **Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-GO**. Goiânia: 2010.

SIQUEIRA, Maria Juracy Toneli. A(s) psicologia(s) e a categoria gênero: anotações para discussão. In ZANELLA, AV., *et al.*, org. **Psicologia e práticas sociais** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 251-259.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem**.2002. Edição Eeltrônica: Ed Ridendo Castigat Mores (www.jahr.org).

ZORNIG,Janra. As teorias sexuais infantis na atualidade: algumas reflexões. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 1, p. 73-77, jan./mar. 2008.